

Luís Filipe Riga Diogo

Recensão Crítica da obra

***Não-Lugares: Introdução a uma
Antropologia da
Sobremodernidade (1994)***

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Mestrado Antropologia

Discursos Sobre o Quotidiano

Prof. Doutor Carlos Piteira

Marc Augé é um antropólogo francês nascido no século XX, tornou-se uma das grandes influências da Antropologia na Europa. Entre inúmeras obras, ensaios e publicações para revistas periódicas, o seu maior contributo para o pensamento antropológico é *Não-Lugares: Introdução a Uma Antropologia da Sobremodernidade* (1994) que é precisamente esta obra que pretendo estudar.

A Sobremodernidade proposta pelo autor como vai ser possível verificar mais à frente trata-se de um discurso sobre o quotidiano, onde Marc Augé constrói e simultaneamente desconstrói a modernidade. O quotidiano questiona o construtivismo e estruturalismo, a lógica do quotidiano passa a ser perceber/compreender, e, nada melhor do que percebermos e compreendermos o outro do que dando-lhe voz, tentando perceber a intuição do outro.

O prólogo de *Não-Lugares* escrito por Pierre Dupont narra o percurso na viagem desde o período em que foi levantar dinheiro na caixa de multibanco até ao momento em que “ durante algumas horas (o tempo a sobrevoar o Mediterrâneo, o Mar Árabe e o Golfo de Bengala), estaria enfim só” (Marc Augé, 2005, 12). A meu ver, é um discurso quotidiano contado na terceira pessoa onde foi dada voz ao outro, neste caso foi dada voz a Dupont.

O Próximo e o Alhures

Este é o capítulo introdutório da obra, onde Marc Augé salienta que a Antropologia sempre foi “do aqui e agora”. De facto, a Antropologia sempre foi do “aqui” uma vez que, o “aqui”, é o lugar que o antropólogo se propõe estudar. Por outro lado, o “agora”, é o tempo da investigação. A Antropologia, não é mais do que uma conjugação do “aqui” e do “agora”. O “aqui” enquanto lugar antropológico poderá ser sempre o mesmo (enquanto lugar), mas o “agora” varia consoante a relação entre investigador e investigado, todo um conjunto de memórias, sentimentos, ligações que marcam o antropólogo enquanto investigador e condicionam a sua investigação.

Voltando a Marc Augé, quanto ao “aqui” os ocidentais afirmam primazia nos seus hábitos, tradições e costumes face aos países menos desenvolvidos

ou em vias de desenvolvimento. Estas desigualdades entre países ricos e pobres levam a que os países em vias de desenvolvimento sejam locais que despertam grande interesse antropológico, o autor chama-lhes de “Alhures”.

Esta dicotomia lançada parece-me bastante pertinente. Quando o antropólogo se propõe a estudar o alhures, deve ter em conta que a realidade ocidental é bastante diferente da maioria dos países em desenvolvimento, esses estudos devem ser imparciais e ter uma consideração global que nela deva ter uma consciência a derivação a multiplicidade de elementos de interacção, que são induzidos pela actualidade imediata. Uma das grandes falhas dos antropólogos quando partem para o terreno, é investigarem-no conforme a maneira ocidental, o que muitas vezes leva a estudos errados, generalizações e interpretações mal feitas. As primeiras monografias sobre estudos de género, sexualidade, economia e religião apresentaram um contributo que foi pioneiro e importantíssimo para a Antropologia. No entanto, apresentaram inúmeras generalizações que eram sustentadas em inquéritos realizados ao grupo étnico. Acontece que, ao fazer um inquérito está-se a limitar as respostas ao alhures e a reduzir-lhe a autonomia, é preciso escolher minuciosamente qual a melhor metodologia para a investigação.

Marc Augé enumera com bastante perspicácia três excessos da sobremodernidade: excesso de tempo; excesso de espaço; excesso do indivíduo. O primeiro excesso diz respeito à superabundância do tempo – segundo Augé, cada vez há mais tempo, mas a verdade é que o tempo sempre foi o mesmo, o que nos rodeia é que está muito mais rápido, ora vejamos, hoje é possível saber o que se passa do outro lado do Mundo através de um clique. O segundo excesso é a superabundância de espaços, este ponto a meu ver é discutível, uma vez que, o espaço não é cada vez maior, o espaço sempre foi o mesmo, o que acontece é que fruto da globalização, o espaço ampliou-se. O terceiro e último excesso da modernidade é individualização das referências, hoje o colectivo está a ser posto de lado e está-se a dar mais importância ao indivíduo, dando-lhe voz para que ele se auto-intreprete.

Marc Augé preocupa-se com o Mundo de hoje chegando à conclusão que o tempo e o espaço estão a mudar. A Terra é vista do ponto de vista

espacial como algo distante, insignificante, que tem limites. Ao mesmo tempo, o nosso mundo tornado pequeno pelas comunicações instantâneas e pelos transportes rápidos – é superabundante em espaço, posto que todo o espaço do planeta está virtualmente aberto às pessoas. A sobremodernidade torna difícil a apreensão do espaço, devido a tal superabundância. Nele, os pontos de referência culturais não deixam de existir; mas o espaço se complica e se relativiza. Surge a estranheza, aparece a alteridade, mesmo porque ainda não conhecemos bem a dialéctica globalidade/particularismos, nem a organização espacial específica da sobremodernidade.

Parafrazeando o autor, estas três figuras da sobremodernidade implicam um paradoxo e uma contradição: por um lado elas abrem cada indivíduo à presença dos outros, elas correspondem a uma circulação mais fácil dos indivíduos das coisas e imagens. Mas por outro lado, elas suprimem o indivíduo sobre si próprio, tornando-o apenas num testemunho mais do que um actor na vida contemporânea (Augé, 2005, 33).

O lugar Antropológico

Para a Antropologia o lugar define-se como a construção ao mesmo tempo concreta e simbólica do espaço, servindo de referência para todos aqueles que são destinados por esse lugar a uma posição, não importa se é central, intermediária ou periférica – no sistema dos valores, da hierarquia, do poder. O lugar funciona como uma base de sentido para os que nele vivem; e torna-se fundamento da inteligibilidade para a pessoa de outra cultura interessada em observar e entender aquela comunidade em que o lugar em questão foi construído.

O antropólogo tem a função de decifrar o lugar através da observação participante. Quando parte para o terreno é confrontado com a limitação do espaço que demarca as fronteiras, o que se pode e o que não se pode fazer. O espaço “é dele mas não é dele”, o que quero dizer com isto é que o antropólogo tem de respeitar as regras do jogo dentro daquele espaço há mais tempo, neste caso os nativos. Quando o antropólogo abandona o lugar

antropológico, esse espaço deixa de ser dele – este facto não deixa de ser um aproveitamento do antropólogo uma vez, que desde que Branislaw Malinowski partiu para o trabalho de campo, foram inúmeros os antropólogos que partiram em busca do mesmo que Malinowski, só que explorando e investigando uma comunidade diferente o que levou a um “esgotamento” do lugar antropológico.

O lugar antropológico é geométrico, uma vez que é possível traçar um mapa porque sabe-se onde começa e onde acaba, esse mapa simboliza por meio de linhas (vias ou eixos), intersecções de linhas (esquinas ou encruzilhadas; espaços abertos: lugares de passagem ou reunião como, por exemplo, um mercado) e pontos de intersecção (edifícios como um templo ou igreja, monumentos diversos). Os três elementos sobrepõem-se em parte: assim, por exemplo, um caminho pode ligar monumentos entre si ou pelo menos passar por eles.

Todo o lugar antropológico tem pelo menos três características em comum: são espaços identitários, relacionais e históricos. São identitários uma vez que estes espaços são geradores de uma forte identidade que atribui um grande sentimento de pertença por quem é frequentador do lugar antropológico. São relacionais, no sentido em que as pessoas relacionam-se umas com as outras, o seu espaço tem fronteiras que se relaciona com as fronteiras dos “outros”. Por último mas não menos importante, o lugar antropológico é histórico, quando se diz que ele é histórico refere-se à cultura e aos antepassados. Esta noção de lugar antropológico vai ser fundamental para perceber o resto da obra e para contrapor com a noção de *não-lugar* criada por Augé.

Dos lugares aos não-lugares

Este capítulo, no meu entendimento é o mais importante da obra, pois, é onde o autor expõe a sua tese central. O autor dá conta que surgem novos espaços fruto da sobremodernidade e dá conta que estes novos espaços impõem aos indivíduos novas experiências de solidão. Estes novos espaços da sobremodernidade são os *não-lugares*, são locais de anonimato, onde as

peças não se conhecem, não se identificam com o espaço, a relação entre a pessoa e o espaço não revela uma identidade mas sim a satisfação de uma necessidade, é uma relação meramente contratual. É importante salientar que Michel Certeau já tinha ensaiado sobre os *não-lugares*:

“os não lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem desdobrar mas que em estão ali antes com histórias à espera de permanecerem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim, simbolizações enquistadas na dor e no prazer do corpo” (Certeau, 1980)

Marc Augé, dá exemplos de não lugares tais como os supermercados, grandes superfícies comerciais, as grandes cadeias de hotéis, onde o indivíduo é apenas um mero passageiro cuja sua presença não faz diferença nenhuma. A relação entre o indivíduo e o *não-lugar* resume-se a uma mera satisfação de uma necessidade, vejamos o caso do aeroporto – só passa na aeroporto quem anda de avião, mas quer na ida ao supermercado ou na viagem de avião, estamos sempre sós sem disso termos consciência, uma vez que há um conjunto de actos mecânicos que “temos que cumprir”.

O lugar antropológico e o *não-lugar* são precisamente o oposto do outro – é que as três características do lugar antropológico mencionadas por o autor não se aplicam de maneira nenhuma ao *não-lugar*. Este é talvez o maior paradoxo introduzido na obra de Marc Augé, o lugar antropológico é identitário no sentido em que desperta um sentimento de identidade e pertença dentro desse mesmo lugar, contêm uma forma geométrica que implica quais são as fronteiras, local que é histórico. O *não-lugar*, não gera uma relação identitária por quem o frequenta; não é um espaço relacional, uma vez que as pessoas não se conhecem e não se relacionam e por último; não é histórico, pois, rejeita a cultura e a história de cada um, trata-se dum local cuja identidade é mista, diversificada e multicultural.

A verdade é que os *não-lugares* multiplicam-se, ao contrário dos lugares antropológicos que são cada vez menos. Este fenómeno chama à atenção para um defeito das interessantes construções (ou desconstruções) de Augé: elas percebem o sujeito unicamente no nível individual. Assim sendo, as forças que

regem o que chama de sobremodernidade, são ambíguas, difusas e difíceis de captar em detalhe. É por este motivo que, na minha opinião, o conceito de lugar antropológico não só é mais interessante como poderia ser mais operacional para os cientistas sociais do que a noção de *não-lugar*, por mais que esta última permita descrever alguns aspectos relevantes do nosso quotidiano em especial nas regiões de capitalismo mais avançado (grandes cadeias de hotéis, supermercados, centros comerciais, grandes superfícies).

Reflexões Finais

Ao longo da obra Marc Augé relaciona os *não-lugares* com uma diversidade de fenómenos: o espaço construído e a relação com os indivíduos com o espaço; o risco da “uniformidade” ao nível do espaço construído e o risco de solidão ao nível dos laços sociais; o espaço construído como espectáculo, recorrendo a metáfora da viagem; o aparecimento de uma nova relação/espaço-tempo fruto da modernidade. Esta diversidade de fenómenos leva a questões para a compreensão das sociedades modernas, pois, a ideia de *não-lugar* remete-nos para qualquer coisa que está a transformar os modos de vida tradicionais que caracterizam a modernidade o que nos permite pensar a diferença entre o “nós” e os “outros” conjugada com a diferença do “aqui” e “agora”.

Apesar de a obra ter sido escrita há mais de uma década, trata-se de um contributo que é muito actual não só para a antropologia, mas também para a arquitectura e engenharia civil. O autor propõe uma nova forma de pensar o lugar, reconstruindo e simultaneamente desconstruindo este conceito dando origem a uma ruptura do pensamento antropológico. Marc Augé em *Não-Lugares* propõe uma espécie de Antropologia do Quotidiano fazendo a junção da Antropologia Urbana com a Sociologia do Quotidiano, à semelhança da “disciplina” que estuda as questões do Quotidiano esta obra apresenta paradoxos tais como a dicotomia do próximo e do alhures; *não-lugar* e o lugar antropológico.